

# Júlio Pomar

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

DEZEMBRO 2002

Trabalha uma tela ao limite da exaustão. Isso dá-lhe prazer. Júlio Pomar, um dos maiores nomes das artes plásticas portuguesas de projeção mundial, representado em numerosas coleções. As suas obras têm passado pelas mais prestigiadas galerias dos cinco continentes. Divide-se por Paris e Lisboa. Pintura, desenho, escultura, cerâmica, gravura, ilustração, colagens... Uma vida intensa. Supera-se em cada novo trabalho. Não repudia qualquer criação das diferentes fases, seja a linha mais neorrealista, seja uma Maria da Fonte que marca significativamente a mudança de Pomar (1957); mudança em permanente descoberta. Um imaginário que evolui para um intenso dinamismo e fusão das cores e para uma conceção gestual em que há sempre um movimento dialogante e interrogativo.

## **Tem sido um transgressor em busca do maravilhoso?**

Transgressor porquê?

## **Porque não é um seguidista, há marcas de irreverência na sua arte e na sua figura...**

Essa aparente ou real irreverência não será outra coisa senão uma natural maneira de ser. Não sou um transgressor nato; não é a transgressão pela transgressão que me põe de pé, mas uma vontade de saber o que está para além de.

## **A sua obra pictórica poderá situar-se, julgo, entre o lírico e o dramático, com uma plasticidade em que se dá uma espécie de caos ordenado. Como define a sua pintura?**

Parece-me ser, cada vez mais, uma tentativa de circular através do caos. Não uma vontade de aceitar o caos, mas um procurar perceber e circular sem ser esmagado pelo caos. O que caracteriza a minha deslocação no mundo é essa tentativa de ir de um ponto a outro pelo meio de uma quantidade de máquinas e de seres que se agitam descontroladamente e num sentido que muitas vezes nos escapa.

## **Não desiste de entender o mundo?**

Fundamentalmente, não desisto de existir.

## **Que espaço ainda é possível para o imaginário?**

Um espaço que anda connosco, em grande parte fabricado por nós. Se sentirmos que esse espaço está a encolher ou a desaparecer, devemos fazer todo o possível para que se dilate.

## **Pinta todos os dias. Quando regressa à poesia?**

Não vai demorar. Está terminado novo livro, um longo poema. Cá em casa é conhecido por *Tratado Dito e Feito*; o «dito e feito» é uma piscadela de olho e uma paródia à minha lenta maneira de trabalhar, em que nada é dito e feito logo. É um jogo de palavras, pode ler-se, também: *Tratado do Dito e Feito*.

**Em si, pintura, escrita e leitura são indissociáveis. Pintura, uma forma de escrever, e escrita uma forma de pintar?**

Uma forma de existir pensando, de pensar existindo. A pintura é uma linguagem, mas, mais do que uma linguagem, ou simultaneamente, é um caminho da existência, da afirmação. Somos bichos fabricantes. A escrita é também um fazer.

**É na pintura que existem todos os invisíveis?**

Ou então não é pintura, ou então é uma arte menor, ou então é uma prática para as pessoas aborrecidas se entreterem.

**Surgiu agora, traduzido para português por Pedro Tamen, o seu álbum *Então e a Pintura?* A arte de pintar é tato ou olhar?**

As duas coisas e mais os outros sentidos; o cheiro e o som de uma pintura são imaginários, mas se olharmos um quadro de Rubens (por exemplo, o retrato de sua mulher da coleção Gulbenkian) sentimos todos os nossos sentidos a ficarem acordados.

**Num poema do seu livro *Alguns Eventos* fala de «Meu país/ de magníficos doces d'ovos / in- / tervalo entre um / a- / diamento e outro / Lacrau, / amêndoa. / Coágulo/ da ira. Portugal entre o doce e o amargo?**

Há, aí, uma metáfora de direções contraditórias. E mantenho. O País não mudou tanto como isso. O apontamento que certas imagens antagónicas sugerem parece-me dar uma imagem realista do País;

um país nunca pode estar inerte, há sempre um movimento latente no conjunto de espaços e de energias que se chamam país.

**O seu olhar sobre Portugal não se alterou, apesar da Revolução de Abril?**

O acesso à gestão do País não está tão bloqueado como no regime anterior, todavia não entrámos num paraíso, nem é de um momento para o outro que se eliminam hábitos culturais fortes; mas atenção, são hábitos culturais em que está incluída a negação da cultura, que não foi uma invenção do regime de Salazar; o regime de Salazar vem a matar para continuar uma paralisação do País que já se verificava.

**Para Fernando Pessoa, «o esforço é grande e o homem é pequeno». Não estará o homem preparado para a construção do seu próprio mundo?**

O lado enfático de Pessoa é o que menos me agrada. Na minha opinião, a *Mensagem* é a menos interessante das suas obras poéticas.

**A mais projetada, no entanto...**

Vamos sempre pelos caminhos mais fáceis. A *Mensagem* é a preguiça nacional, com uma linguagem impossível de ter um futuro. Não acrescenta alguma coisa ao que Pessoa põe num dos versos da própria *Mensagem*: *Ó Portugal, hoje és nevoeiro...*

**Pessoa termina a *Mensagem* com: *É a hora*. Não há no poeta uma vontade de ver desaparecer o nevoeiro?**

Apenas com a diferença de que a hora que Pessoa sonhava me parece deslocada no tempo, ou seja, é um Portugal que continuava a ser visto pelo retrovisor.

**Toda a arte de Pomar revela harmonia e conflito ao mesmo tempo...**

Sim, a minha pintura não é monocórdica.

**Nunca pendeu para o metafísico?**

Viver é, exatamente, uma transcendência do físico.

**O imaginário não fica sujeito à necessidade de vender as suas obras?**

De maneira nenhuma. Tenho a possibilidade de fazer o que me apetece ou o que acho mais apaixonante. É uma facilidade de escolha ou, pelo menos, tenho essa ilusão. Recordo Picasso quando no fim da vida escreve num dos seus cadernos de desenho: «A pintura é mais forte do que eu, obriga-me a fazer o que ela quer.» É das frases mais luminosas para o entendimento do que é um quadro e o ato de pintar.

**Também Duchamp refere que «arte é uma droga que cria habitação». Sente-se drogado?**

Sinto-me dependente. Mas, na maior parte dos casos, a droga é um substituto pouco imaginativo da paixão. A paixão é outra coisa, nunca se sabe onde vai dar, o que é muito mais divertido. Neste aspeto, não quero a cura.

**É bem pago?**

Nunca me pus o problema.

**Vem do neorrealismo, passa pelo surrealismo, expressionismo. Que “ismos”, hoje, na sua criatividade?**

Todos os “ismos” são grandes simplificações; usam-se para criar uma ilusão de entendimento.

## **Procurou igualmente muitas raízes num simbolismo literário de Baudelaire ou de Mallarmé?**

Cada um deles é veículo de uma energia particular, energia que conta mais do que as personagens que vão encarnar essa energia.

## **Os temas sociais desapareceram de todo do seu imaginário?**

Foram mais ou menos substituídos por personagens míticos, que são desmontados; o caráter de epopeia de uma vertente neorrealista não existe mais.

## **A forma como dispersando acaba por unir formas e cores, passando pelo colorido de Matisse, pelos azuis de Brouzino ou de Ingres, ou pelos vermelhos de Rubens, é um desejo de casar todos os sentidos?**

O milagre operado por qualquer arte é o de fundir num só corpo ativo todas as percepções. Há uma memória em todos nós que, na sua multiplicidade, na própria confusão dos sentidos, pode ser acordada ao olharmos um quadro.

## **Tons negros e brancos são, do mesmo modo, exaltantes?**

O negro é uma cor de exaltação, tal como o azul, o vermelho. As cores puras funcionam como as substâncias em cru; as substâncias e os sabores podem aparecer depois combinados, reduzidos na sua intensidade para ganharem aspetos particulares; com as cores sucede a mesma coisa.

## **Está vestido de rosa. Uma luta contra o envelhecimento?**

Ponho uma camisa cor-de-rosa porque me agrada, não para me fazer mais novo.

## **Foi militante do Partido Comunista Português. Como vê atualmente a ideologia comunista?**

Correspondeu a um determinado momento da evolução em que foi absolutamente necessária. As condições que determinaram a sua erupção, o seu protagonismo na História, estão longe de ser as mesmas. O que há, hoje, da parte dos seus militantes, no seu discurso teórico, é qualquer coisa como olhar a estrada pelo retrovisor.

## **Seria bom refletir sobre alguma imagem que o retrovisor possa dar?**

Naturalmente. Mas ir de Lisboa para o Porto com os olhos postos nas Caldas da Rainha é a melhor maneira de não chegar a Campanhã.

## **Deverá ignorar-se o que fica no meio dos caminhos?**

Não se trata de ignorar ou apagar o passado. O passado, por vezes, oferece tanta dificuldade em ser visto como o próximo futuro. Voltando à imagem de Lisboa-Porto, se quisermos fazer a viagem com eficiência, não podemos ficar a remoer numa cidade ou numa estação de comboios que já passámos.

## **Esteve preso em Caxias e foi companheiro de cela de Mário Soares. Como venciam o tempo?**

Terá sido a única altura da minha vida em que joguei às cartas.

## **Politicamente, quem é hoje Pomar?**

Um curioso, mas atento, a ver como as coisas se vão organizando, desorganizando. Com uma grande curiosidade e vontade de que as coisas possam evoluir num sentido simpático. Um pouco reticente, ou procurando, o mais possível, não tomar os desejos por realidade.

## **Um abstencionista?**

Não quero ferver em pouca água.

**«A chatice é o estado mais democrático do mundo», isto é dito por si. A democracia é uma chatice?**

Não é nesse sentido. É o da noção de partilha que há em democracia. A chatice é a mercadoria mais partilhada no mundo. Penso haver sentimentos que não deviam ser partilhados. Se me chateiam de morte e partilho essa chatice com outros, não é, por certo, o melhor presente que lhes dou.

**O retrato de Mário Soares, que fez para a galeria dos presidentes da República, é o avesso do formalismo e do oficial. Desconcertante?**

Aquela é a imagem que tenho de Mário Soares; o quadro sugere uma pessoa em ação. Penso que um dirigente político é muito mais importante pela sua capacidade de atuar e de intervir do que pela repetição formal de gestos necessários aos rituais.

**Já retratou muitas personalidades. Um episódio tocante?**

Fiz o retrato de António Lobo Antunes que serviu de cartaz para o recente congresso sobre a sua obra, em Évora. Sentou-se ao pé de mim, eu comecei a desenhar, a tentar desenhar, a olhar para ele, a olhar para o papel. Ele seguia o que eu estava a fazer com muita atenção, não estávamos a falar assim de seguida, e, a dado momento, perante o mau caminho que aquilo estava a seguir, disse: este estafermo é todo muito bonitinho, não tem orelhas de abano nem nariz de papagaio, que vou fazer? Ele desatou a rir, nunca vi ninguém com uma risada tão cheia e prolongada; a partir desse instante, tudo se transformou.

**Nos anos oitenta tem uma assinalável produtividade. É, no entanto, a década em que começa a falar-se do vazio das sociedades. A sua maior produção nesse tempo foi uma fuga à «era do vazio»?**

Quando começo a dar uma atenção ao que o vazio sugere é com a curiosidade, para não dizer consciência, de descobrir as potencialidades desse vazio, mas não com a conotação corrente de um mundo que está vazio como um teatro de mau gosto à procura de tragédias. Lao-Tsé diz haver um intervalo entre os raios da roda que a fazem mexer. O vazio é uma dimensão respirável; o espaço entre as palavras. Para o artista, é uma cor da atmosfera ou uma atmosfera de cor.

**Conjuga, nas suas expressões artísticas, erudito e popular. Relaciona-se assim com o mundo e os outros?**

Cultura é, cada vez mais, uma palavra plural. A história da arte sofre uma grande perturbação com o reconhecimento de Henri Rousseau, que pintava fora dos circuitos culturais. Mas perturbar o pensamento é fundamental, no sentido de fazer pensar e sentir mais. Não é por acaso que um dos homens mais inteligentes do século XX, Picasso, dá uma atenção particular a Rousseau e faz dele, também, um dos seus pilares. A criação de Picasso pressupõe um Cézanne, que orienta o seu trabalho durante anos e anos, e, paralelamente, Rousseau.

**Tem uma capacidade de autocrítica feroz?**

Se, em vez de feroz, dissermos gulosa fica mais simpático.

**Procura fazer da sua pintura o que a Primavera faz das cerejeiras? (permita-me usar uma imagem poética de Pablo Neruda...).**

Gostaria de fazer. É um propósito. Fazer com que a pintura rebente em flores e venham os frutos.

### **Brinquedos que guarda na memória?**

Os barcos de papel que me fazia o meu avô materno.

### **Muitas paixões na vida, além da arte?**

Algumas.

### **Quando parte para o branco da tela já tem alguma ideia na cabeça?**

Uma ideia vaga, jamais a imagem está prefabricada. É fazendo que faço. E ao fazer transformo. Para mim, fazer é transformar.

### **Já chegou ao final de um quadro com este a surpreendê-lo face a um resultado que não imaginara?**

Essa surpresa é o lado excitante do meu próprio trabalho, nunca seguir um plano.

### **Pinta com um espelho próximo da tela. O espelho é impiedoso?**

O espelho está colocado ali como uma ratoeira, funciona, até, como uma boa traição. Deve dar-me uma imagem do quadro quando não a procuro. Nunca deixo o quadro para ir ao espelho ver se a imagem se apresenta ou não equilibrada. Gosto de ser surpreendido.

### **Para Baudelaire, a calma é um espelho do desespero. Acontece isso consigo ao dizer-se calmo?**

A calma é uma cor da nossa paleta de sentimentos, tão necessária como a ira; fazem parte do desejo de quem não desiste de viver.

### **Tem alguns momentos de ira?**

Com certeza. O regime anterior dava-nos muitas razões para isso. Infelizmente, as razões e os desagradados não desapareceram.

### **Quando se vê ao espelho estabelece diálogos com a imagem que o espelho lhe dá?**

Só aquela coisa assim: «*Rapaz, tu hoje estás com bom aspeto, ou, rapaz, hoje estás com ar mais cansado, desaparece, vai para a cama.*»

### **França, Paris em particular, para onde foi viver em 1963, continua, de alguma forma, a ser, neste século XXI, o corpo central da cultura europeia?**

Não estamos mais na dependência de uma estrela central e de pequenos planetas a girar à sua volta. O mundo da comunicação desenvolveu-se, está em crescimento, e, nem que seja como uma possibilidade, temos, hoje, uma facilidade incomparavelmente superior de criar focos ativos no campo cultural e de centros diferentes funcionarem em simultâneo.

### **Globalização apagou a Cidade-Luz?**

A cultura francesa deixou de ser uma espécie de latim para os eruditos poderem comunicar entre si; os jovens circulam hoje mais facilmente dentro da língua inglesa.

### **Será a língua inglesa uma língua mais de comércio que de cultura?**

Não propriamente de comércio. Uma boa parte das canções que os jovens cantarolam têm letras em inglês. Veja-se a quantidade de termos ingleses nos jornais.

### **O caminho vai bem por aí ou há que fazer ajustamentos?**

Sempre houve necessidade de um veículo comum que foi, por exemplo, o latim, a que se seguiu o francês, além da tentativa de se criarem línguas artificiais como o esperanto. Tem de haver, como sempre houve, um máximo divisor comum ou um menor múltiplo comum. O inglês está atualmente nessa calha que me parece legítima.

### **Não há risco de domínio absoluto?**

Não maior do que o uso da língua francesa. É qualquer coisa que tem de olhar-se como uma realidade e não de uma maneira cáustica ou saudosista.

### **O tigre é um dos animais que transfiguram na sua pintura e da sua composição gestual ressalta a serenidade e o impulsivo. Sente-se um tigre?**

Sou um pacato ser humano, o que não quer dizer que não me sinta a ferver. Vivemos no meio de contradições. Se não quisermos dar excessivas cabeçadas nas paredes, temos de reconhecer essas contradições em nós mesmos e tentar viver com elas, utilizando-as o melhor possível.

### **Em alguns dos seus traços estéticos, apesar da presença marcante dos tigres, não estará mais próximo de uma pantera que dança, da pantera de Rilke, por exemplo?**

Nunca fui muito fiel às imagens que se transformam. O tigre nasce de ilustrações que me foram pedidas para uma novela de Jorge Luís Borges, na qual a personagem central é um tigre, mas um tigre que nunca aparece senão através das suas marcas. Fiz o trabalho para esse livro e achei que não tinha ido até onde podia ir; todos os quadros que depois pintei a partir do tigre vêm dessa insatisfação, de um ver o que poderá encontrar-se indo por dado caminho; não pretende ser a fixação de uma imagem ou de uma ideia.

## **Sendo verdade que associamos o tigre à selva, à fúria, para Jorge Luís Borges também pode ser amor. Pode?**

É muito parecido com a gente, só que o tigre realiza de maneira natural aquilo que nós precisamos fingir. A cara do tigre é uma máscara. Nós, quando nos mascaramos, temos de juntar uns traços pretos, uns bigodes...

## **Alguma vez se mascarou?**

Com máscara integral tenho ideia de que não.

## **O circo fascina-o?**

Sempre. Que é o circo senão um modelo do mundo? Pensar-se que o circo é um espetáculo para crianças denota o vício de tentarmos um qualquer entendimento para reduzir as coisas. O circo não é uma simplificação da existência das pessoas ou do mundo em que vivem, será talvez a exaltação do excesso.

## **O tempo tem-lhe acentuado mais os medos ou o sonho?**

Entre medos se nasce, entre medos se vive. O problema não é negar a existência do medo, mas sim o de o pobre ser humano não se deixar esmagar por esse medo, procurando usar o próprio medo como uma espécie de gasolina que faz andar uma parte do seu motor.

## **Delacroix defendia que o quadro deve ser «uma festa para a vista», enquanto Renault diz que «a pintura é uma forma de esquecer a vida». De que lado está?**

Para mim, a pintura não é uma forma de esquecer a vida. É uma exaltação, uma maneira de sentir a vida e de a sentir com uma imensa carga de energia. Em Rouault há uma tristeza de igreja

católica em fim do dia, vazia. A expressão de Delacroix, essa subscrevo-a inteiramente.

### **Uma infância atribulada?**

Não me aconteceu o que aconteceu a Fernão Mendes Pinto. A *Peregrinação* é um livro extraordinário pelo que revela de uma certa maneira de olhar as coisas à portuguesa. «Coitado de mim», é uma das primeiras expressões da *Peregrinação*.

### **«Coitado de mim», não vai com o seu jeito de ser?**

Vai ao meu jeito rir-me a bandeiras despregadas desse fado do «coitado de mim». Não é aceitar-me como «coitado de mim», é descobrir nesse «coitado de mim» qualquer coisa de exterior. É como a gente olhar para o espelho e ver uma borbulha que nos desfeia e nos parece fora do sítio. A minha diferença é não aceitar essa borbulha e desejar que um duende a faça desaparecer.

### **Escreveu o texto *A Cegueira dos Pintores*. A cegueira do pintor é uma forma de ver mais longe?**

Não sei o que, no fundo, quer dizer a cegueira dos pintores. O pintor é um sujeito que se realiza através do que lhe entra pelos olhos e dos olhos lhe sai. Quando apareceu a expressão «a cegueira dos pintores» talvez desejasse significar a pouca importância do olhar em si mesmo, perante a complexidade dos sentidos, dos sentimentos e das sensações que pelo olhar entram ou saem do homem.

### **É uma cegueira anticegueira?**

Será uma tentativa de repensar o ver ou o não ver, da mesma maneira que falamos do repensar o vazio sem cargas negativas. O pintor fecha muitas vezes os olhos para ver melhor.

**Diz: «Pobre matéria, ficará sempre a ser o que ali fica na tela.» Quando olha as suas telas sente-as como uma «pobre matéria»)?**

A matéria é a pele da pintura e a tela é a síntese de toda a experiência. A qualidade de uma pele tem que ver com a carga de vida vivida ou a viver; a pele da mulher, a pele de uma criança. A presença da matéria é tanto mais forte quanto mais leve.

**A presença da mulher na sua pintura é uma «presença leve»?**

Peço emprestado ao falar brasileiro esta expressão: Uma presença gostosa! Penso que em Camões se encontrará também a palavra «gostosa» no sentido em que o brasileiro a usa, eu seja ceguinho se não existe em Camões! Não há poeta que dê à leitura do português uma existência mais gostosa do que Camões. É um poeta com cheiro e sabor. Vai ao encontro de coisas muito fortes que se prendem com a carne, com a pele, com os sentidos imediatos.

**Dá-lhe gozo fazer a paródia do absurdo?**

É natural.

**Uma memória longínqua?**

Lembro-me de, em miúdo, me terem calçado os sapatos ao contrário, e eu atrapalhado sem conseguir caminhar direitinho.

**Como vê hoje o panorama das artes plásticas portuguesas?**

Há muita gente a começar, longe de ter as dificuldades que a minha geração teve, sem necessitar, por exemplo, de exilar-se. Ótimo. Algumas vantagens terá a chamada era da comunicação e da globalização. Paris fica agora mais próximo de Lisboa do que Trás-os-Montes.

**Se não tivesse ido para Paris, conseguiria o reconhecimento e a projeção internacional que tem?**

Não me compete a mim dizê-lo, mas de nada serve tentar escrever a história ao contrário.

**Sente-se mais francês do que português?**

De forma alguma. Há quem goste de roupas emprestadas, mas o meu ideal de costura é a que se faz por medida.

**Um quadro?**

*As Meninas*, de Velásquez. A primeira vez que o vi tirei-lhe o chapéu mas não me mexeu nas tripas. Voltei a vê-lo, é um poço sem fundo.

**Na sua pintura, a expressão de desejo e de um erotismo que se prende sobretudo com a sensualidade passa tanto pela mulher como pelo homem. A grande unidade faz-se de contrários?**

Penso que sim. São uma relação ativa. Uma relação ou de exaltação mútua ou então um bocadinho triste se é apenas uma pessoa que se serve da outra. O bicho-homem é uma coexistência de contrários e, se calhar, os outros bichos também. A assunção dessa coexistência parece-me exaltante.

**É dos contrários que pode nascer a obra-prima?**

A obra-prima é a possibilidade de uma respiração festiva.

**Há mundos perfeitos?**

Não. É um rebuçado que se promete às crianças para que elas se portem bem, mas nunca se lhes dá.

**Um livro?**

*Dom Quixote de La Mancha.*

### **Música?**

Acompanhei sempre, mas...

### **Ouvido duro?**

Sim, ouvido duro.

### **Há um célebre desenho seu de 1966, que é um manguito, mais subtil do que o de Bordalo. Hoje, já não lhe apetece fazer manguitos?**

Esse desenho faz parte de uma série de ilustrações para Rabelais. Diz Cesariny que o manguito é o mais económico dos gestos. No meu próximo livro, *Tratado Dito e Feito*, há uma glosa do manguito e permito-me discordar de Cesariny. O manguito é uma coisa que me apetece ainda hoje fazer em muitas situações. Enquanto houver braços...

### **Tem estado sempre de olhos fechados nesta entrevista...**

Para me concentrar no interior da cabeça. Para tentar ver o que digo.

© MARIA AUGUSTA SILVA